

Notícias de Barcelos

Redactor principal—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NÃO se julgue que Estaline já se deu por satisfeito quanto à «limpeza» que empreendeu entre os seus colaboradores. A grande imprensa, cansada já do assunto, deixou de noticiar os sucessivos acrescentamentos à «lista negra» com o tom sensacional do princípio. Mas não se conclua, por essa razão, que abrandou a fúria sanguinária do Czar vermelho.

Sucedem-se as prisões, os desterramentos, os fuzilamentos, num ritmo progressivamente acelerado. Hoje desaparece da circulação um alto funcionário, amanhã anuncia-se a execução duma figura graúda do estado maior do exército. A um diplomata sucede-se um sábio, ao sábio segue-se um membro da velha guarda de Lenine. O camarada Estaline não tem mãos a medir...

Últimamente soube-se que foram deportados para a Sibéria o famoso Bela-Khun e Antonof Avesenko, o famigerado cônsul de Barcelona. Suritz, embaixador em Paris, caiu na asneira de ir a Moscovo e foi logo prêsso. O aviador Rogoff Babochin, comandante dum aeródromo, e Ladin, da secção política do Commissariado da Guerra, acabam de ser fuzilados, enquanto muitos outros oficiais da guarnição de Moscovo, especialmente aviadores, foram postos a ferros. N. Stassowa, velha colaboradora de Lenine, que há muito fazia parte da direcção da MOPR (Auxílio Vermelho Internacional), foi recentemente destituída. E assim por diante...

Não há que lastimar a sorte desta gente, como fazem certos bonzos pseudo-magnânimos... Têm o fim que merecem os criminosos—e todos esses sinistros figurões justificaram amplamente esta qualificação. A única atitude que se impõe, perante, semelhante hecatombe, consiste em concluir:

1.º—que Estaline é um monstro; e
2.º—que o poder da U. R. S. S. é uma mentira.

FINALMENTE, o sr. Blum resolveu-se a falar claro. Resolveu-se é como quem diz, porque as circunstâncias é que lhe impuseram a linguagem da verdade—essa linguagem pela qual tem uma repugnância atávica, instintiva...

Perante a ameaça, que começa a definir-se com nitidez, do governo Daladier se sujeitar às directrizes que Londres lhe dita, quanto à questão espanhola, e perante o avolumar do triunfo de Franco,—o sr. Blum não tem mais remédio senão pôr as cartas na mesa, na esperança de provocar a salvadora «reação das massas». E então declara, sem corar, que a França tem tido, em relação a Espanha, duas posições: uma, *de direito*, «para inglês vê», e outra, *de facto*, para satisfação das ordens moscovitas.

Já cá se sabia isto—desde o princípio da guerra civil espanhola. O sr. Blum não deu uma novidade a ninguém. Se a sua confissão merece comentário, é apenas porque confirma uma coisa posta em dúvida por certa gente que se finge desapaixonada—porque confirma que a França tem auxiliado os vermelhos de Barcelona e Valência como nunca ninguém auxiliou a causa nacionalista, porque confirma que a guerra já teria acabado há muito se não fosse a criminosa intervenção francesa.

...Pois o sr. Blum falou verdade uma vez... É caso para se deitar foguetes!

Nacionalismo... condicionado

Em expansão tão optimista e confiante, quanto fantasista e perigosa, dizia, ha pouco, um nacionalista barcelense, que, em Barcelos, toda a gente estava com o Estado Novo, se não em compromisso formal de adesão, pelo menos em pratico acatamento e, até, colaboração.

E fazia notar, não sabemos se para forçar-se ao proprio convencimento, que, em Barcelos, ninguém recusava aceder ao chamamento dos organismos oficiais, não tendo hesitação em comparecer publicamente junto deles, em qualquer manifestação oficial de vida barcelense.

Concluía afirmando que Barcelos oferece o espectáculo de harmonia local, sem qualquer divisão de campos politicos.

Infelizmente, à frase de credula sinceridade, pode chamar-se, com exactidão, fogo de vistas de pirotecnicia politica.

A realidade barcelense, a realidade real, seja perdoada a forma de dizer, é muito outra, muito ao contrario das apparencias.

Assim como os caprichosos e complicados desenhos, que o fogo de vistas oferece ao observador, desaparecem em segundos, assim tambem o fogo de vistas politico não resiste a minuto de reflectida observação.

As manifestações de nacionalismo em Barcelos não encontram hostilidade, encontram benevola tolerancia, até chegam mesmo a conseguir complacente acolhimento.

Mas, sob condição de que a exteriorização nacionalista se confine dentro de limites platonicos.

Todos colaboram com os organismos oficiais em actos por estes promovidos, mas é preciso que certas condições sejam observadas, pouco mais ou menos as seguintes:

1.ª—A de que o acto tenha apenas a rubrica de acatamento devido á ordem constituída.

2.ª—Que haja todo o cuidado em banir qualquer manifestação mais positiva de compromisso de adesão activa ao Estado Novo.

3.ª—Que cada um dos que não querem comprometer-se em adesão activa, tenha a garantia de que não ha o menor melindre para as posições de coerencia demo-liberalista, que não querem renegar, querendo conservar intactas para... a hipotese de virem a ter de fazel-as reviver em acção.

4.ª—Que lhes seja dada a primazia de representação das actividades locais, e que não seja dado lugar, ainda que de direito, áqueles a quem chamam facciosos ou perturbadores da comoda paz tristemente convencional.

Em resumo:—que o nacionalismo manifestado se condicione, na manifestação, ao veto, expresso ou tacito, dos seus inimigos francos ou dissimulados.

Deixando passar quasi despercebidos datos e factos, que, em toda a parte, provocam vibração nacionalista, o sorriso de tranquila satisfação mostra, a quem não saiba ou não queira vê, tacita adesão, mas, a quem veja, ou queira vê, demonstra como o inimigo gosa o fruto da posição que adoptou como a melhor na hora presente, posição que, de facto, é a de dominio pratico.

Mas se, por qualquer motivo, uma afirmação dinamica de nacionalismo surge, atirando aos olhos de todos a realidade forte do Estado Novo Portuguez, o sorriso desaparece, e, quem quer, póde vê o fio ao pano.

Não será verdade o que expomos?

Em poucas semanas varios ensejos tem tido o nacionalismo barcelense de manifestar-se publicamente.

A milicia do Estado Novo tem oferecido ensejo das mais claras manifestações de convicção nacionalista.

Tem oferecido, mas... o oferecimento não tem sido aceite.

Atravessam as forças locais da Legião Portuguesa as ruas de Barcelos. Estacionam, em manifestação de vida, durante tempo, em lugar proprio, como no domingo na Franqueira.

E parece que os nacionalistas barcelenses assistem a tudo gelados de medo de... melindrar as susceptibilidades dos que não gostam, dos que não estão com «isto», mas que «estão prontos só para tudo o que seja por Barcelos, mas sem politica.»

Esse estado de condicionamento nacionalista barcelense é um facto demonstrado, em toda a sua evidencia.

Permitir que tal continue, e, pior ainda, ser cúmplice em tal ambiente e habitos, não é trair o serviço da Revolução Nacional do Estado Novo?

DO DISCURSO recentemente proferido por Flandin sobre a situação internacional salientamos a seguinte passagem:

«Disse e mantenho que aquêles que em França ajudam o prolongamento da guerra espanhola e propagam falsas noticias não servem a causa da paz»...

A causa da paz... que grande tortulho!

Paraphraseando a célebre sentença de «Madame» Rolland—Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome! —podemos actualmente dizer:—Paz, quantas guerras se forjam para te salvar!...

A IMPRENSA moscovita noticiou

há tempo que, por ordem do estado-maior do exército do Extremo Oriente, tinham sido enviados 26.000 forçados para a fronteira russo-manchú, a-fim-de trabalharem nas fortificações. Eis uma esfera em que a U. R. S. S. bate todos os outros países do mundo: nenhum deles se pode orgulhar de possuir tantos condenados á grilhieta! Mas não-de concordar que este «récord» se conjuga mal com o título de «Paraíso da Liberdade»...

TODA A GENTE conhece vários espécimes daquela fauna de bípedes que se classificam a si próprios de «imparciais» julgando que assim conseguem esconder a sua simpatia imbecil pela causa revolucionária. Na questão de Espanha, a sua «imparcialidade» manifesta-se pondo em dúvida as noticias desfavoráveis aos vermelhos vindas a lume nos jornais. Mesmo quando a insuspeita «Havas» informa que em Madrid se morre de fome ou que em Barcelona escasseiam os mantimentos êsses preopinantes arvoram um sorriso entendido e grunhem insinuações «bem-intencionadas».

Pois oferecemos-lhe o seguinte guardanapo. em que, de-certo, terão muito gosto em limpar as mãos...

No «La Vanguardia» de 18 de Fevereiro passado, podia ler-se um artigo elucidativo sobre a situação em que se debatem os vermelhos, artigo êsse que era assinado pelo seu correspondente em Madrid, José Luiz Salvado.

Dêle se transcreve um parágrafo mais eloquente:

«Queremos dizer sem eufemismos que, há já muitos meses, Madrid não come—engana o estômago. Inventa alguns «menus» absurdos, mas a verdade, a verdade crua, é que não come. De alguns produtos estrangeiros, que durante o último inverno (1936-37) se podiam comprar secretamente—presunto, enchidos, queijo flamengo—não resta ao madrileno senão uma ligeira recordação».

Vejamos agora, no «Solidaridad Obrera», de 17 de Fevereiro, um artigo intitulado «Não queremos comer mais—queremos que todos comam o mesmo», da autoria de Alarcón:

«O problema das subsistências é uma questão de distribuição. É um problema ético que se baseia na justiça do racionamento. Nós, os que vivemos em Barcelona, estamos dispostos a comer, com alegria e satisfação, só agriões, a limitar o consumo de gordura e a odiar o pão... Mas debaixo duma condição: que todos comam agriões!»

Querem melhor e com mais pimenta, srs. «imparciais» das dúzias?!

NA NOITE de 21 de Junho, o Presidente do Conselho dos Comissários do Povo falou, em Moscovo, sendo o seu discurso rádiodifundido. O sr. Molotof, depois de se referir à luta que o regime bolchevistas travara nos primeiros tempos contra a intervenção francesa e inglesa, e ao cerco económico dos estados capitalistas, disse que a U. R. S. S. nunca poderia fazer um tratado de paz com o mundo capitalista, mas que desejava prolongar as tréguas, até que atingisse um certo nível industrial. Criticou em seguida determinados países fascistas «que provocavam a guerra».

Ora segundo a própria confissão de Molotof, a União Soviética deseja manter as tréguas, apenas por conveniência, para se poder armar bem e alcançar o grau de desenvolvimento militar que considera suficiente para impôr o regime bolchevista, por meio da força, aos outros povos. Não podemos, portanto, negar a estes o direito de se defenderem de tal ameaça, atacando já a U. R. S. S. e não permitindo que êsse foco de desordens alastre perniciosamente.

BOMBEIROS DE BARCELINHOS

Continuado do ultimo numero

Falou a seguir o nosso camarada de redacção sr. João Pereira da Silva Correia que principiou por dizer que não contava falar porque não contava representar o nosso jornal nesse banquete.

Acrescentou que, por saber que era tradicional, nessa tradicional ceia, o enviado do «Noticias de Barcelos» usar da palavra, e como estava no seu espirito o respeito pelas tradições, não podia deixar de falar. Recordou como foi fundada a Associação de Barcelinhos e a incompreensão como foi recebida por grande número de barcelenses.

Frizou que os progressos da Associação se deviam sobretudo a duas coisas—à disciplina do corpo activo e ao bom senso dos seus dirigentes.

Poz bem em relêvo a disciplina dos bombeiros barcelinenses e demonstrou a necessidade de continuar em fé tal disciplina.

Saúdo a direcção, comandos, corpo activo, autoridades civis e militares, benfeitores, D. Ana Guedes e as gentis senhoras que serviram o banquete.

Terminou, na pessoa do ilustre e benemérito Presidente da Direcção sr. Miguel Gomes de Miranda, apelando para todos os amigos da casa para que a Associação ficasse presa às grandiosas comemorações das Festas Centenárias de 1939 e 1940 concluindo definitivamente o seu quartel.

Por proposta do sr. comendador Filipe Bandeira, fez-se depois um pedido para os pobres de Barcelinhos que rendeu 251\$90.

Esta quantia foi entregue pela sr.ª D. Ana José Guedes ao sr. Delegado do Governo que por sua vez, ficou encarregado de a entregar ao sr. Padre Antonio de Jesus Martins.

Brindou a seguir o sr. Francisco Tôres, Delegado do Governo:

Agradeceu a presença de D. Ana Guedes, e elogiou o comendador Filipe Bandeira pelo valioso concurso que vem prestando aos voluntários barcelinenses.

Não esquece a mocidade cuja acção prestimosa e elogia e que tão largamente estava representada, afirmando que é a essa acção se deve o progresso crescente dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos.

Agradeceu ainda aos oradores antecedentes as belas lições que tinham dado à Mocidade ali presente.

O sr. dr. Gonçalo de Araujo, no seu discurso, frisa, nervosamente que um barcelense está bem e n. toda a parte.

Onde está um bombeiro está um herói—e onde está um herói está a sombra do Passado, dessa figura que tanto engrandeceu a Pátria: D. Nuno Álvares Pereira.

Agradeceu as atenções que lhe dispensaram e felicita a corporação barcelinense pelo aniversário.

Volta a falar o sr. dr. Martins Ferreira que em resposta, depois de agradecer as palavras do sr. dr. Gonçalo de Araujo, faz um caloroso elogio da terra barcelense e dos seus filhos.

O sr. João Cruz, distinto correspondente de «O Comércio do Porto», depois de cumprimentar a sr.ª D. Ana Guedes, felicita a corporação dos voluntários de Barcelinhos e em especial o seu 1.º comandante, agradece as saudações à imprensa.

Agradeceu a saudação ao «Jornal de Noticias» o seu redactor sr. Ribeiro dos Santos que foi convidado a assistir à ceia e que também felicitou a corporação pelo seu 17.º aniversário.

Falou ainda o professor primário sr. Domingos Evangelista que falou da missão do bombeiro, da sua admiração pelos voluntários de Barcelinhos e felicitou o 1.º comandante pela passagem de mais um aniversário, encerrando os brindes o sr. Presidente da Câmara e da Direcção, Miguel Gomes de Miranda.

Agradeceu a presença da sr.ª D. Ana Guedes, do comendador sr. Fili-

A' Legião Portuguesa

MUITO SAÜDAR!

O Mais humilde dos cabouqueiros do Bem vos saüda com a inteligência e com o coração; aquela compreendendo vossa alta Missão, e este entusiasmado-se pelo vosso generoso ideal.

No batalhão n.º 12 saüdo toda a Legião Portuguesa e com ela a nossa Pátria, pátria de heróis e de santos!

Saüdo na Legião Portuguesa a organização mais adequada a realizar o grande pensamento de Salazar, ou seja a pôr uma barreira ao comunismo e seus derivados.

Saüdo a Legião Portuguesa como a mais sorridente esperança dum futuro de fase concórdia, interna e externa, porque todos ansiosamente esperamos.

Se eu fôra profeta anunciaria aos portugueses as glórias que antevejo na instituição e aumento da Legião Portuguesa.

Se fôra poeta lhe dirigiria os mais entusiastas ditirambos que imortalizassem a Legião, seu criador e chefe.

Se fôra cantor dedilharia na harpa aqueles acordes harmoniosos que extasiariam os Anjos e os homens!

Se fôra artista conceberia um monumento simbolizando a Esperança num futuro ridente e auspicioso que virá a transformar esta ancia, em que todos nos enervamos, numa paz e gozo imorredoiros!

Se fôra historiador iria buscar à mestra da vida comparações e estímulos que a atendessem no caminho sacrificado da conquista!

Compara-la-ia com as Legiões Romanas, que na República e no Império se immortalizaram nas conquistas e aumento do poderio romano.

O espírito cristão da actual Legião P. dá-nos a doce esperança que também ela receberá através da história o cognome de «Legião Fulminante» como aquela que no tempo de Marco Aurélio se notabilizou nos combates contra os Aarbaros.

E bem lhe pode caber a glória da Legião Tabana, se dentre os seus componentes alguns ou todos derem a vida pela Pátria!

Nos tempos modernos os corpos de exército organizados em «Legiões» deram sempre provas de patriotismo e valor que as distinguiram e immortalizaram através da história, particularmente da França, no tempo de Luiz XIV e Napoleão, e de Portugal no tempo das guerras Napoleónicas, em que a «Legião Portuguesa» deu aos exércitos da França um incremento, que foi por vezes celebrado e citado em ordem do dia, pelo próprio Napoleão.

Ainda se notabilizam as «Legiões» na grande guerra, e se estão notabilizando na presente guerra civil de Espanha.

Mas o valor da actual organização militar—Legião Portuguesa—é incomparavelmente superior ao de todas as Legiões celebradas na história, pois que o seu objectivo, combater o comunismo, é, religioso e patrioticamente, o mais alevantado que ser possa, em ordem ao bem da humanidade, sem distincção de raças ou de cultos.

O comunismo, eis o inimigo! A Legião Portuguesa, eis a nossa defesa! Do coração faço votos que a Legião Portuguesa, unida ao heroico e inegalável exército lusitano possa continuar as belas tradições da nossa história guerreiro, que fizeram grande o Portugal pequeno e que até «deram Novos Mundos ao Mundo».

O nosso orgulho Nacional todo se desvanesse ao contemplar as façanhas doutroa, que pelas conquistas aos Mouros formaram o Reino em 1132; nas guerras da Independência foram nossos soldados dum heroismo sem paz, que, de tal maneira levantou o espirito da época, e levou os portugueses de conquista em conquista, de glória em glória, que assombrou o Mundo!

Nas guerras da Restauração, nas Invasões francesas, nas guerras de África e até mesmo ao presente na guerra civil da Espanha, de quanto valor e abnegação têm dado provas os portugueses, nossos avós e nós. E ainda para suscitar estímulos lembremos com eles a parte importante e decisiva que tiveram os portugueses de antanho em Novas de Tolosa na derrota e terror que infligiram aos sectários de Islam.

Sirvam estas fugativas recordações históricas para elevar nossa alma no meio das lutas de todas as provas na certeza que:

«Toda a alma que se eleva, eleva o Mundo».

Um Legionário de Milhazes

pe Bandeira, do sr. Dr. Martins Ferreira, do sr. Silvério Magalhães e dos representantes da Imprensa.

Quando terminou o banquete a encantadora menina Maria Emilia Maciel Beleza, gentil filha do nosso amigo sr. dr. João Beleza entregou à sr.ª D. Ana José Guedes, um lindo ramo de flores naturais.

A ceia terminou cerca de uma hora da madrugada, realizando-se em seguida um animado baile. Foi servido pela conceituada Pensão Bagoeira. Durante o banquete e o baile, fez-se ouvir com agrado geral todos os presentes a cabine sonora Moura.

Entre os telegramas de saudações à Corporação pela passagem do seu 17.º aniversário, contava-se um enviado pela ilustre procuradora à Câmara Corporativa sr.ª D. Maria José Novais. Esse telegrama, lido durante o banquete, deu motivo a uma manifestação de simpatia a tão distinta e benemérita senhora, prestada por todos os presentes.

—«Noticias de Barcelos» agradece o convite e todas as atenções prestadas ao nosso representante e faz votos pelas prosperidades da briosa e humanitária corporação barcelinense.

Presidência da Câmara

Em gozo de licença, encontra-se em Melgaço o Sr. Miguel Gomes de Miranda, muito digno Presidente da Câmara.

Para o substituir, durante o tempo em que se encontrar ausente, foi designado pelo Sr. Governador Civil o vogal da Câmara, Sr. Dr. Alexandre de Sá Carneiro.

A GUERRA NA ESPANHA

A reconstrução de Oviedo

Os trabalhos de reconstrução da cidade de Oviedo prosseguem com grande actividade, nos quais são empregados cerca de quatro mil operários.

No transporte de material para as obras de reconstrução da cidade, são empregados diariamente cento e cinquenta camiões grandes.

A população verifica com alegria que pouco a pouco se edifica em Oviedo uma cidade completamente nova e de estilo moderno.

Mãe heroica

No jornal «Faro de Figo» foi publicada uma carta dirigida ao Generalissimo Franco, por uma mãe espanhola, que reside na Republica Argentina, do teor seguinte:

«Buenos Aires, 20 de Janeiro de 1938.

Excelentissimo senhor: Eu sou a mãe de Luiz Ramires Hidalgo, soldado duma «bandeira» da Legião. O meu filho, de 18 anos, foi para Espanha com o meu consentimento afim-de defender a santa Bandeira da nossa Pátria. Por ela morreu no dia do heróico socorro a Teruel. Morreu por Espanha e eu honro-me por isso, meu general. Resta-me outro filho de 17 anos e sai neste mesmo barco que leva esta carta, para ocupar se é possível, na mesma «bandeira» da Legião, o pôsto que com honra serviu o seu irmão. Dei-lhe um beijo para que o desponha na terra santa que cobre o corpo daquele filho querido e, se não der com o lugar, que beije então as pedras de Teruel, quando voltar a ser nossa.

«E se há-de morrer também, que Deus seja louvado. Ficarei só no mundo mas com orgulho de ter dado o melhor que possuía á minha Espanha».

Maria Hidalgo Ruiz».

P. S. — «Meu filho fará entrega no Quartel General de um cheque de trinta e dois mil pesos argentinos. Vendemos uma quinta em homenagem ao meu Luiz. Fico com outra de aproximado valor. Se morrer o meu Fernando, a venderei e eu mesmo irei levar o produto a V. Ex.ª e ingressar depois num convento da minha Espanha».

Festas centenárias

Em referência à exposição feita pela Câmara Municipal em 16 de Maio último, foi recebido o seguinte officio do Sr. Presidente da Comissão Nacional dos Centenários:

«Tenho a honra de acusar a recepção do officio de V. Ex.ª acompanhando a nota das realizações julgadas necessárias para as Comemorações em Barcelos do Duplo Centenário de 1940. Sobre o assunto se pronunciará, em devido tempo, a Sub-Comissão respectiva.»

Dispensário Anti-tuberculoso de Barcelos

De 1 de Janeiro a 30 de Junho, procuraram o Dispensário 518 individuos. Dêstes, foram inscritos por doença 57; por profilaxia 125; em observação 240; e rejeitados 96. Consultas, 1077. Exames radioscópicos requisitados, 7. Analises, 93. Reacções á tuberculina, 109. Insuflações de pneumotoraxe, 108. Injecções de sais de ouro, 101. Outras injecções, 435. Vários tratamentos, 111. Fórmulas medicamentosas distribuidas, 840. Escarradores e desinfectantes, 55. Visitas ao domicilio, 10.

Os soldados que vão a férias da Páscoa e do Natal têm um desconto de 50 por cento nos combóios

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses commnicou ao Governo que resoven conceder o desconto de 50 por cento sobre os preços das passagens que correspondam á tarifa geral, na parte respeitante ás linhas que explora, ás praças que viagem por ocasião das festas da Páscoa e do Natal, com destino ás terras da sua naturalidade, em gozo de licença.

E' simpático o gesto.

LEGIÃO PORTUGUESA

No passado domingo 3 do corrente, no Monte da Franqueira, realizou exercícios de combate o 1.º terço do Batalhão 12 da Legião Portuguesa, tendo marchado de Barcelos pela via ordinária até ao Convento da Franqueira, de onde partiram as forças para as posições que lhes tinham sido destinadas e de onde desenvolveram as várias fases do combate moderno.

O tiroteio entre atacantes e inimigo, o movimento difícil e penoso pela aspereza do terreno impressionaram numeroso povo das freguesias vizinhas, e gente da classe popular de Barcelos que, interessada, esperou o final do exercício, que terminou pelo assalto e posse da posição inimiga.

Findo o exercício, as forças retiraram para o adro do Convento, onde, depois da missa celebrada pelo revd.º Prior P.º Joaquim Gaiolas, e de ouvirem uma patriótica alocação do celebrante, foi instalado o bivaque e distribuído um rancho quente confeccionado nas cozinhas que a secção de quartéis do Batalhão lá tinha instalado.

Depois do rancho, enquanto as forças descansavam, nasceu, de improviso, uma constante manifestação de nacionalismo, em que o entusiasmo chegou a atingir as maiores proporções, numa eloquência de afirmação positiva de ras impressionante.

Ao microfone da cabine sonora Moura, que para o local se havia deslocado, o médico auxiliar do serviço social legionário dr. Adélio Marinho proferiu uma empolgante alocação, em que o primor da elegância da frase revestiu os mais alevantados conceitos:

«Há dias, viveram um sonho maravilhoso,—Lusitana em tudo: na luz e no pensamento... Essa foi a impressão de quantos tiveram por hospedeiro Salazar naquela festa do castelo templário de Almourol.

Assim se repetem em nossos dias, ante a admiração de diplomatas ilustres, e vincando a mesma «expressão de beleza e grandeza de Portugal», todos os nossos sonhos maravilhosos. Atento, porque se aprende sempre ouvindo sábios, a sua descrição o Mundo escuta junto dos nossos castelos: lareiras do Império!

A história dos portugueses é, na verdade, um rosário que mede oito séculos de sonhos maravilhosos. E a nossa época é também, meus senhores, um desses sonhos maravilhosos de antanho. As páginas que descrevem tanta beleza quasi lendária, de cor e com orgulho nós as vamos lendo por toda a parte; aqui e sempre pela voz de Salazar, pela voz de Carmona logo mais em terras portuguesas de África, e por milhares de legionários irmãos, junto à fogueira destruidora, nas terras estranhas de Aragão...

Homens da Nova Reconquista: em vós — que do coração saído — outro sonho «eu vejo», para Salazar contar ao Mundo!

A seguir fala o legionário nosso companheiro Anibal Beleza Ferraz, que, depois de uma verdadeira conferência sobre o Castelo de Faria, dali proximo, saído os camaradas da Legião em Barcelos, especializando o sr. Tenente Souza Nunes delegado Concelho e comandante do Batalhão 12, o sr. Tenente Moreira dos Santos, instrutor, o comandante do 1.º Terço e o oficial sr. Serrão da Veiga, saudando também o sr. major Mancelos Sampaio, comandante de batalhão na reserva.

A's 4 da tarde, depois de prestadas continências às Bandeiras Nacional e da Legião, foi prestada continência à memória dos heróis do Castelo de Faria, tendo, o comandante do Terço, sr. dr. Joaquim Paes, proferido uma breve alocação explicativa e de exortação aos

A GUERRA VISTA E VIVIDA A CAÇA AOS TANQUES

(A MEU PAI, ALMA DE LUCTADOR, MOLDADA NO CADINHO DE HEROIS—O LENDÁRIO REDUDO DE LACONTURE).

Nós não esperávamos o ataque. Havia já um mês os «rojos» não davam sinal de vida. Se não estalasses, de vez em quando, como chicotadas, sobre as nossas cabeças as balas explosivas, dir-se-ia que não tínhamos inimigos na nossa frente. No dia 12 de Outubro o ruído insólito dos motores de muitos aviões fez ouvir ao longe. O legionário que estava de vigia dos postos de observação, gritou:—Aviação inimiga à vista! Como movidos por electricidade, todos procuram uma sombra, uma ondulação do terreno para se ocultarem aos olhares demasiado curiosos e perigosos.. dos pássaros «rojos». Quantos eram? Vinte? Trinta? Oitenta? Não sei! O que sei é que aquêlê bando de abutres evolucionou algum tempo sobre as duas linhas de trincheiras que dois inimigos irreconciliáveis defendiam com o mesmo afinco.

Também não sei se se equivocaram. O que é verdade é que as bombas começaram a cair, com aquêlê ruído muito meu conhecido, sobre as posições inimigas. E a aviação era inimiga, também. Porque seria? Um engano, naturalmente. Nós rimo-nos com vontade. O caso não era para menos...

Horas mais tarde, a artilharia inimiga, para demonstrar que atirava com mais precisão, começa a bombardear a aldeia—a linda aldeia de Fuentes da qual conservo gratas recordações. Em poucos minutos o bombardeamento atingiu uma ferocidade inaudita. Ao anoitecer a aldeia envolta em pó e fumo dalguns focos de incêndio, não se via. Depois, durante a noite, uma bateria de vinte centímetros desfez-nos as trincheiras. Uma granada caiu dentro dum refúgio e atirou pelo ar os sete homens que ali estavam e que nunca mais encontramos!... A's quatro da manhã calou-se a artilharia e todos guarnecemos os parapeitos, pois o inimigo devia atacar. Com grande surpresa nossa não aconteceu isso. O inimigo conservou-se calado, como aguardando melhor oportunidade.

Pela manhã, já o sol dourava a linda torre da igreja de Fuentes, contra a qual a artilharia comunista se enfurecia, as sentinelas não observaram nada suspeito. A's dez e meia precisas a artilharia começou novamente a bater com a fúria do dia anterior a aldeia, a estrada de Zaragoza e as nossas posições já completamente desfeitas pelo bombardeamento que tinham sofrido.

Pouco depois da artilharia começar a roncar, a aviação apresentou-se novamente

Agora para evitar erros, bombardeou a aldeia, destruindo, com uma só bomba, a mercearia—uma casa de cinco andares.—construída em cimento armado. As outras bombas caíram nos arredores da aldeia, no meio dum olival.

Supunham os aviadores que havia aí concentração de forças. Que engano! Mataram apenas duas ovelhas que os mouros tinham para a comida...

Parou o bombardeamento. Momentos depois um «rojo» saltou o parapeito e baixou as calças, mostrando aquela parte onde a espinha dorsal termina e as costas perdem o seu honesto nome...—Ah! canalha! gritaram alguns legionários indignados pela ofensa.

—Cabral! gritou mais forte um rapazito, ao mesmo tempo que disparava a espingarda, tentando matá-lo. O farrão fugiu assustado como um coelho. Todos estávamos comentando esta cena, ao mesmo que reparávamos os parapeitos com os sacos de terra novos, pois os outros tinham sido destruídos pela metralha e de repente uma ordem correu pela trincheira com a velocidade do raio:—Todos aos seus postos e preparados com as granadas de mão e com as garrafas de líquido inflamável! O inimigo vai atacar com grande número de tanques!

—Lá estão eles! Duma curva da estrada começaram a sair tanques. Um dois, quatro, quinze, trinta, cinquenta!

Quando todos tinham saído da curva, formaram em linha. E como todos aquêles monstros obedecessem a uma mesma ordem, lançaram-se, como manadas de feras, sobre os nossos parapeitos ao mesmo tempo que disparavam os seus canhões de tiro rápido e as metralhadoras. A intenção era bem clara! Pretendiam enterrar-nos dentro das trincheiras, esmagar-nos! Já estavam junto ao arame farpado... Pararam como para tomarem fôlego e lançarem sobre nós com mais ímpeto. A fera preparava o salto final, segura de que nos trituraria. Nenhum de nós se moveu. Todos crispavam nervosamente as mãos nas bombas e nas garrafas de líquido. Os tanques puzeram-se em marcha novamente e já não houve quem os detivesse.

Caíram sobre os nossos parapeitos destruindo-os. Foi então que eu tive ocasião de ser actor dum espectáculo maravilhoso! Como um só homem, todos os legionários, granada numa mão e garrafa de líquido inflamável noutra, se lançaram à caça dos tanques, gritando: «Viva la Muerte! Viva La Legion! Isso durou menos tempo que eu levo

em dizê-lo. Durante alguns momentos não se ouviram mais que explosões das granadas e o ruído argentino de vidros partidos. E vinte e nove tanques ardião aparatosamente como num grande espectáculo pirotécnico!...

Os outros fugiram cobardemente. Faltava agora a caça ao homem. Por isso, junto de cada tanque que ardia, colocaram-se dois legionários, aguardando a saída dos «rojos» escondidos nos ventres dos monstros.

Não esperaram muito tempo. Começaram a sair pelas torres dos tanques homens aterrorizados gritando, pedindo perdão. Outros de pistola em punho tiveram a veledade de fazer-nos frente. Os que pretendiam fugir para as suas trincheiras caíam, dizimados pelas nossas balas vingadoras. Vi cenas dramáticas. Um inglês, vendo que não tinha salvação possível, disparou a pistola contra o temporal direito, caíndo pesadamente no chão, como um cédro! Depois, cada um tratou de revistar os bolsos dos inimigos mortos a procurar cassetes, relógios de pulso, tudo enfim que fôsse uma recordação daquela jornada gloriosa.

Junto dum tanque havia ainda um morto que ninguém se tinha lembrado de ver.

Um Andaluz aproximou-se dêle, tirou-lhe a carteira, o relógio, a caneta e depois, vendo que tinha umas botas altas quasi novas, tirou-lhas dos pés. E foi correndo para junto dos companheiros orgulhoso daquêles troféus, mas com uma dúvida no coração: Pareceu-lhe que ao tirar as botas ao austríaco porque era austríaco fulano—êste abria os olhos. Disse-o ao alferes e êste respondeu-lhe:—Pois vai ver. Não esperou mais nada. Agarrou a espingarda e chegando junto ao morto deu-lhe um pontapé no peito, mas êste não se moveu. Então ocorreu-lhe um expediente:—Tu, «rojo»? Vivo ou morto fala, porque caso contrário, dou-te um tiro na cabeça.

Eu não sei se o austríaco entendeu o castelhano dêste filho da Andalúzia. O que sei é que ante o gesto ameaçador dêste herói, abriu os olhos e pediu humilde: *Perdon Kamarade!*

O outro contestou:—Nada, nada! Levanta-te y el alferes yá te hablará! Dizia, depois, o andaluz muito orgulhoso de si mesmo:

—«Eu sou capaz de ressucitar os mortos!»

Hospital Militar de Palência, 29-3-938.

A. Pereira Batista
Legionário

Visita às colónias

Parte dentro de breves dias, no dia 11, de visita às colónias portuguesas, o venerando Presidente da Republica, Senhor General Carmona, que fará a sua viagem no paquete «Angola».

O venerando chefe do Estado visitará S. Tomé e Angola, passando pela Madeira, demorando-se na baía do Funchal desde as 11 horas do proximo dia 13 até à tarde do dia 14.

Em todas as cidades que vão ser visitadas pelo Sr. General Carmona se preparam brilhantes manifestações de regosijo.

legionários, antes de dar a voz de continência, retirando em seguida a força para Barcelos, onde atravessou as ruas principais até ao quartel em garbosa marcha, como se não regressassem de duro e penoso exercício.

PRESIDENCIA DO CONSELHO

Fez ante ontem seis anos que ocupou a Presidência do Conselho, o então ministro das Finanças sr. Dr. António de Oliveira Salazar.

Nessa altura, alguns «amigos» da Ditadura Nacional receberam pelo bom êxito da árdua tarefa a que SALAZAR meteu ombros e os inimigos chegaram a rejubilar, insinuando que o sr. Dr. Oliveira Salazar não era para «eles», e só para «eles» evidentemente, o estadista vigoroso que já se havia afirmado brilhantemente.

A bem da Nação, felizmente, todos se enganaram redondamente.

Hoje todo o Império Português festeja esta data com regosijo porque, nestes seis anos de Salazar na Presidência do Conselho, a Nação tem sentido bem a acção notável e patriótica do eminente estadista, orgulho não só da Pátria lusitana como de todo o grande povo latino.

Homem extraordinário, todos os dias recebe os maiores louvores não só das figuras mais representativas do Portugal de hoje como dos vultos mais salientes da política das artes e das ciências de todo o Mundo.

Na pretérita terça-feira, esteve pois, em festa, toda a Nação Portuguesa.

«Noticias de Barcelos» apresenta as mais efusivas saudações ao grande Chefe Nacional e faz votos para que Deus lhe conserve a saúde por longos anos, a bem de Portugal e da civilização ocidental e cristã.

D. MANUEL II

Realisaram-se em Lisboa, no sábado passado, solenes exequias em sufragio da alma do grande patriota que foi o ultimo Rei de Portugal, Senhor D. Manuel II, comemorando-se assim, a passagem de mais um aniversario o sexto da sua morte.

A Guerra na Espanha

Toda a gente sabe que na guerra civil que ha dois anos está a destruir a Espanha e que ha-de terminar pela reerguer tão briosa como fora dantes — a Espanha catolica, progressiva e civilizada, como querem os que ao lado do generalissimo Franco levantaram o grito de morte contra os vassallos de Lenine—toda a gente sabe que, quer de um quer do outro lado dos contendores, ha voluntarios estrangeiros.

De Portugal combatem muitos no exercito do Franco e por noticias vindas de lá sabia-se ha muito que os portugueses combatem com ardor entusiástico ajudando a vitoria dos elementos da ordem.

Como eles se balem, dii-o o telegrama que a seguir reproduzimos dos jornais diarios de 2 deste mez:

A brilhante actuação dos legionários portugueses no sector de Tremp salvou esta importante posição estratégica de cair em poder dos vermelhos

SARAGOÇA, 1.—Os legionários portugueses que prestam serviço no sector de Tremp, distinguiram-se ante-ontem, uma vez mais, durante o ataque que os vermelhos realizaram, durante a noite, contra as posições nacionalistas da meseta de Conques, praticando actos de grande bravura e heroísmo, motivo por que foram louvados, em ordem especial, pelo respectivo comandante do sector.

Pode afirmar-se que foi devido ao comportamento heroico dos legionários portugueses que o inimigo, numericamente muito superior e atacando de improviso, auxiliado pela escuridão da noite, não conseguiu o seu objectivo, que era o de se apoderar daquela importante posição estratégica.

Entre os combatentes portugueses que mais se distinguiram pelos seus actos de heroísmo figuram os sargentos António Faria e Manuel Gonçalves dos Santos e o legionário José Rosa. Este ultimo manteve-se agarrado a uma metralhadora, com a qual fez frente a numerosos vermelhos, até que estes completamente batidos, retiraram.

Os sargentos António Faria e Manuel Gonçalves dos Santos tiveram um papel preponderante na defesa dos postos que lhes estavam confiados, estimulando com o seu sangue frio e ardor combativo os seus camaradas, que realizaram verdadeiros prodígios de heroísmo e bravura.

No final da luta os combatentes espanhóis vitoriam freneticamente o nome de Portugal e da Nova Espanha, abraçando os seus camaradas portugueses—H.

TEATRO GIL VICENTE CINEMA SONORO

Um mês de cinema português

A Sociedade Cinematográfica Barcelense, L.^a, fará exhibir no Gil Vicente, as 4 melhores produções de cinema nacional:

A Revolução de Maio
A Marla Papoila
As Pupillas do Senhor Reitor
O Bocage

A primeira exhibição que será o início da época de verão, será no próximo domingo, 10, às 21,45 com A REVOLUÇÃO DE MAIO.

Seguir-se-ão as outras, nos domingos de 17, 24 e 31, um mês de cinema feito por portugueses e com assuntos portugueses, de completo interesse.

Os bilhetes estão à venda no Kiosque da Calçada e não há aumento de preço.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Uma festa maravilhosa

No dia 27 do mês passado, o sr. dr. Oliveira Salazar, na qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, reuniu mais uma vez o Corpo Diplomático acreditado em Lisboa mas, desta vez, numa festa elegantíssima que a todos deixou deslumbrados, de pronunciado sabor medieval.

A festa, realizada no velho e histórico castelo de Almourol, constituiu uma evocação histórica rica de beleza e de poesia.

Na impressionante e majestosa moldura da antiga fortaleza onde tremolou a bandeira dos templários, as cerimónias desenrolaram-se num ambiente cheio de expressão e de grandiosidade.

Todo o Corpo Diplomático ficou encantado com a festa que lhes proporcionou SALAZAR.

Segundo os enviados especiais dos diários da capital os louvores em tôdas as línguas do Mundo, foram espontâneos e gerais.

Maravilhoso, magnífico, único, extraordinário eram as palavras que se ouviam de todos os lados, acrescidas dos advérbios mais honrosos.

«Isto é belo demais para ser verdade. Parece um sonho», disse, deslumbrado, um diplomata.

Na verdade, pelos relatos de toda a imprensa diária, embora de modo especial pela de Lisboa, todos podemos constatar que o espectáculo desenrolado no velho castelo de Almourol foi deslumbrante, maravilhoso, único

SALAZAR devia ter ficado satisfeitiíssimo pelo êxito da sua lembrança satisfecitíssima também devia ter ficado o capitão sr. Henrique Galvão que foi o encarregado de a tornar realidade.

Mas, satisfecitíssimos sobretudo, ficaram, com toda a certeza, todos os portugueses do vasto império português pela maravilhosa festa de evocação das grandezas passadas e da nossa cruzada pela civilização cristã dada a todo o Mundo por intermédio dos seus ilustres representantes diplomáticos.

O Corpo Diplomático dirigiu-se para o local em comboio especial que parou próximo do castelo, num apeadeiro improvisado.

Uma ponte ligando uma das margens do Tejo ao velho castelo que fica a meio do rio, foi construída por soldados pontoneiros.

Foi por essa ponte, feita com barcas, que se dirigiram para o castelo os ilustres diplomatas.

O Sr. Dr. Oliveira Salazar que os aguardava á porta do castelo depois de a todos cumprimentar, convidou os para um passeio, em barcos a remos, em volta do ilheu.

Do alto das ameias os arautos faziam vibrar as trombetas em alegres e

estridentes saudações e, numa das margens, um rancho de Vila Franca de Xira, muito afinado, ao som de guitarras e violas, dançava um vira animadamente.

Os estrangeiros que entraram no castelo entre filas severas de templários —altos capacetes de aço, as margens da cota de malha na gola e nos braços, com capas brancas onde sangrava a cruz da Ordem do mestre Gualdim Pais, do «tôpo da menagem» e dos panos das muralhas, enquanto as trombetas alarmavam os ares saudando o regresso da caravana que não escondia o seu entusiasmo, presenciavam ainda a magnífica apoteose sangrenta do entardecer.

Seguiu-se o jantar, ao ar livre á luz de candelabros onde crepitavam cachos de velas, e ao assado, surgiu uma vitela inteira á velha usança, por todos muito apreciada.

Muitos outros pormenores dignos de menção assinalaram essa noite de maravilha.

Para nos referirmos a todos êles seria necessário bastante espaço, aliaz desnecessário porque toda a imprensa diária deu a tal acontecimento o devido e merecido relevo.

Como semanário nacionalista, não podemos porém deixar de arquivar nas nossas colunas o magnífico brinde do Sr. Presidente do Conselho e o brinde de agradecimento do Nuncio de Sua Santidade, decano do Corpo Diplomático.

Eis, o significativo brinde de SALAZAR:

«Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Desejando eu agradecer a V. Ex.^{as} as muitas gentilezas que prodigalizam constantemente ao Governo português e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, como pude atrever-me a pedir-lhes que fizessem tão longa viagem para os ter á volta de mim nesta mesa, a que não posso dar solenidades protocolares nem confortos palacianos?

E' que pensei que me permitiriam substituir o quadro habitual das nossas reuniões por este, em que a grandeza do passado se casa á beleza da paisagem, e que, por certo, lhes agradaria passar alguns momentos nas ruínas deste castelo dos Templários, envolvido em lendas que lhe dão especial encanto e marcado também por um significado simbólico.

Evocam estas ruínas, com efeito, a coragem e a perseverança desses varões esforçados da Idade Média, defensores do território da Pátria e da Civilização cristã, que nenhuma força pôde vencer enquanto se conservaram fieis á sua fé e aos seus ideais, e que só fo-

ram substituídos por outros quando falharam na sua missão. Assim acontece sempre, tanto no que respeita a homens como a instituições.

Também nós temos de defender as nossas pátrias e as nossas heranças territoriais e espirituais; mas empenhamo-nos em fazê-lo num ambiente de paz, por meio de compreensão mútua e dum espírito de colaboração, não obstante as dificuldades dessa tarefa, quando um pouco por toda a parte, ás vezes por forma perigosa, o amor patriótico se torna, quando não mais profundo, pelo menos cada vez mais exclusivo.

Ora é com esse espírito de cordealidade que lhes agradeço a amável presença e que levanto o meu copo e bebo pelas felicidades pessoais de V. Ex.^{as}, pela prosperidade dos seus países e pelos soberanos e chefes de Estado aqui representados».

O Sr. Nuncio Apostólico, pronunciou pouco depois as seguintes palavras de agradecimento e de louvor.

«Excelência:

Somos nós que temos de agradecer e agradecer do fundo do nosso coração, tôdas as gentilezas que habitualmente Vossa Excelência e os seus muito dignos colaboradores prodigalizam ao Corpo Diplomático. E mais particularmente ainda lhe agradecemos a grande honra que nos deu, convidando-nos a passar esta noite com Vossa Excelência.

Estamos encantados com a ideia, tão genial como simpática, de nos convidar para vírmos como se fôssemos pessoas de família, longe do bulício da cidade, a um lugar tão poético, verdadeira joia de apreço entre as belezas inumeráveis de Portugal.

Neste lugar tão pitoresco e romântico, efectivamente a Poesia fulgura e une-se á História, nas grandes lições que Vossa Excelência tão fielmente evocou. Este castelo, edificado sobre alicerces romanos e arabes, por um grande Mestre dos Templários, castelo célebre na obra da Reconquista, é um verdadeiro símbolo da grandeza e da missão histórica de Portugal. Não se limitou essa missão ao território nacional, pois este rio de que outrora o castelo defendia a passagem, viu no seu estuário as caravelas gloriosas, que sob os auspícios dos cavaleiros de Cristo, sucedidos aos Templários propagaram pelo Mundo a civilização cristã.

O próprio rio é a expressão desse espírito de paz e de colaboração, a que Vossa Excelência aludiu com tanta felicidade. Ao mesmo tempo que abraça no seu longo curso os dois povos da península, alberga nas águas tranquilas do seu estuário os navios de tôdas as nações da Terra.

É justamente pelo aproveitamento das inelutáveis lições da História e pela confiança nas forças melhores da humanidade que se podem vencer as dificuldades graves da hora que passa. Formulamos os votos mais ardentes para que se atinja esse nobre fim, e ao mesmo tempo felicitamos vivamente a generosa Nação Portuguesa e os seus Chefes ilustres pelo trabalho que têm feito. E' com admiração e cordialidade que levantamos os nossos copos e bebemos pelas prosperidades de Portugal, pela saúde do sr. Presidente da República e pelas felicidades pessoais de Vossa Excelência».

Findo o banquete, seguiu-se um encantador serão medieval.

Madame Du Moustier recitou em francês a bela lenda do século X, desse castelo, adaptação do sr. Capitão Henrique Galvão.

Os diplomatas e os membros do Governo que assistiram a essa festa, chegaram a Lisboa em comboio especial, á 1 hora da madrugada.

O atentado contra a vida de Salazar

Passou na ultima segunda-feira, 4, o aniversário do atentado contra a vida do sr. Dr. Oliveira Salazar; e, por esse motivo, celebraram-se missas em acção de graças pelo mologro desse crime, em Lisboa e outras terras do paiz.

NA IGREJA DE SANTO ANTONIO

Como preparação para a festa em honra de Nossa Senhora do Carmo, principia hoje, ás 21 horas, uma novena na igreja de Santo António.

Essa festa que realizar-se-á no dia 16 do mês corrente, constará do seguinte programa: ás 9 e meia horas missa cantada e ás 21 exposição do SS. Sacramento, sermão pelo conhecido orador sagrado Dr. Molho de Faria, Bênção, Consagração e Adeus á Virgem.

DOENTES

Tem obtido melhoras, o que registamos com prazer, o nosso prezado amigo sr. Dr. Miguel Fonseca.

—Já se encontram completamente restabelecidos o sr. Artur Cândido Roriz Pereira e o nosso assinante sr. João Baptista da Silva Matos.

Sulfato de cobre MACCLESFIELD

Já mandamos carregar mais sulfato de cobre inglês da Marca Macclesfield, em barricas de 254 kg. e sacos de 100 kg. E' conveniente, porém, que os nossos dedicados clientes não demorem as suas encomendas, para não deixarem de ser servidos.

Empreza Nacional Agrícola

PAGINA DO CONCELHO

Fornelos, 4

No dia 27 do mês findo, voou ao céu uma filhinha do sr. Belmiro Ribeiro.

—No dia 30, estiveram nesta freguesia com o fim de marcarem o cemitério paroquial, o Delegado de saúde deste concelho—Sr. Dr. Francisco Rodrigues Torres, acompanhado de mais autoridades e do sr. Manuel António de Silva Miranda, presidente da nossa Junta. Que esta obra seja realizada breve, são os nossos desejos, porque é uma necessidade.

—Ontem fizeram a sua reunião de piedade, os rapazes da Juventude Agrária Católica desta freguesia que ao meio da missa todos se aproximaram do Banquete Eucarístico—para receber o pão dos Anjos, o alimento das suas almas, a força dos seus combates para a paz e a felicidade.

—Tem estado bastante gente doente, mas, sobretudo crianças, tem sido quasi geral. Felizmente, não tem sido com muita gravidade.

—Já está quasi livre da queda que reteve quasi dois meses no leito, o sr. Adelino Fernandes.

Desejamos-lhe o seu completo restabelecimento.

—O tempo quente e seco como tem sido, é desesperado para os lavradores desta freguesia, que, só se valiam da chuva que de vez em quando vinha, visto que nesta freguesia as águas de pé são muito poucas e ainda essas poucas tem falhado. Permita Deus

que venha chuva, tam desejada ela é nos nossos campos.

—No dia 3, passou o seu aniversário a menina Adelina Miranda Rodrigues; e no dia 8 passa também o seu aniversário o sr. Augusto Gomes da Cruz.

A todos, muitas felicidades.—C.

Macieira, 4

Obrigados pelo compromisso de continuar as noticias do primeiro acampamento dos nossos lobitos, cá estamos já no dia 26. Não pernoitamos no acampamento, mas soubemos que os rapasitos não observaram a ordem de silencio, passando quasi toda a noite na cavaqueira de creancices e brincadeiras, numa fraternal reinação! Teem a sua desculpa! Nas poucas horas que dormiram, alguns ao acordar encontraram a cabeça fora da barraca, tal era o sono e o calor produzido pelo aglomerado.

Ordem de preparar para a missa. Os cosinheiros tinham de preparar o almoço, e por isso foram à primeira, às seis horas. À segunda, às oito, apresentou-se o *grosso do exército*, com os seus galhardetes à frente, em formatura bem cadenciada pelo tambor.

Assistiram à missa com o cerimonial e compostura edificante, ouvindo-se bem distintamente as orações que o Chefe ia declarando, para serem repetidas por todos.

No fim retiraram com as evoluções regulamentares.

Seguiu-se o almoço já no acampa-

mento, embora fosse um pouco tardio, devido ao atraso do pão que não havia, e que só tarde apareceu.

E enquanto os tecnicos tratavam das panelas que deviam produzir o jantar, os outros entretinham-se com jogos e outras diversões proprias no meio daquela alegria, que já por nós passou, e que tanto satisfaz os rapazes cheios de sangue da mocidade com as suas graças inocentes, embora por vezes bastante mordazes, mas que logo se esquecem, para delas não mais se lembrarem.

Quem dera, que assim fossemos, ou podessemos ser sempre, nas pessoas, nas sociedades, nas nações! Esquecer perdoadando.

Entretanto sôa a hora e ordem de abancar para o *sacrificio* do jantar.

Estava porem na ordem do dia. Teve de ser. Não custou muito o tal sacrificio pois estava uma delicia, a principiar pela sopa e terminar pelas batatinhas bem acompanhadas de bons traços de coelho numa combinação culinaria admiravel. Não se assustem, srs. caçadores, porque eram domesticos os coelhinhos! Por enquanto é defeso. Do contrario, o local era mesmo proprio. Não podemos deixar de lembrar os belos *pasteis escutas*, que eram uma delicia. Tinham o defeito de ser muito grandes e um estomago pequeno via se atrapalhado, apenas com um.

O *pingato* fornecido pelos bons amigos Novais, chefe da alcateia e Regedor, muito dignos, simpatizantes e amigos dos Escutas, como o são de to-

do o movimento dos novos, quere do Estado, quere da Igreja, tinha o defeito de ser bom de mais.

Estão a ver, que se não produziu aquela *alteração de ordem* de que ele é apaixonado, é porque a ordem ali não faltava, se não!!

Ainda não vai hoje tudo, porque outros afazeres nos impedem. Continuaremos.

—No sabado passado e hoje celebraram-se missas pelos sinistrados de Viana, José Ferreira de Araujo e João Ferreira de Araujo, desta freguesia.

—Já se encontram entre nós, no goso de ferias, os simpáticos seminaristas Joaquim Ferreira do Paço, que concluiu o quarto ano de preparatórios, e Domingos Novais com o seu segundo ano vencido. Muitos parabens, e não distrair muito dos livros, porque para o ano o caso é sério para ambos, visto não haver passagens no 3.º e 5.º anos sem exame.

—Agora o que muitos leitores não sabem, é a preocupação que por cá domina as gente nos preparativos para a grandiosidade da festa de S. Tiago. Não imaginam, nem é facil. É assunto obrigatorio das assembleias dos *grandes centros aldeões*. É casas caiadas de fresco. É pipas de vinho, do melhor, a postos para marchar para o local. É musicas das mais conhecidas pelas trombetas da fama. É iluminação e ornamentação preparada exclusivamente, que vai ser um assombro. É a Igreja caiadinha de fresco. É... é... Depois diremos mais.—C.

INTERNATO ANEXO AO LICEU DE BRAGA

Instalado na parte nova do edificio do Liceu.—Amplios dormitórios, salas de estudo, balneários, etc.—Assistência moral, pedagógica e disciplinar.

Acabadas as aulas no Liceu, são os alunos acompanhados nas salas de estudo por professores especialmente contratados pela Direcção do Internato.—O melhor regime para alunos do curso liceal.

Visite este Internato e peça informações e prospectos à Direcção

Cônsul do Pará

Para as Pedras Salgadas partiu na ultima terça-feira o nosso patricio e amigo sr. Dr. António Rodrigues de Miranda, Cônsul de Portugal no Pará, acompanhado de sua esposa e galante filhinha.

SOCIEDADE

Aniversários Fazem anos:

Amanhã—a sr.ª D. Delfina de Lima Garrido.

Sabado—a sr.ª D. Maria do Carmo Azevedo Matos e os srs. Almor Vaz e Miguel Vieira de Sousa Basto.

Domingo—a menina Maria Alice Vieira Correia.

Dia 11—à sr.ª D. Olindina de Albuquerque Cardoso Fonseca.

Dia 12—à sr.ª D. Aurora da Conceição Ferreira Lemos e o sr. Domingos Vila-Chã Esteves.

Dia 13—à sr.ª D. Irene Emilia de Lima Garrido.

Dr. João Beleza

Em serviço esteve no Alto Minho, Douro e Traz-os-Montes o nosso amigo sr. Dr. João Beleza de Almeida Ferraz, Intendente de Pecuário Distrito.

NÃO DUVIDEMOS

A tensão verificada, nos últimos tempos, a politica internacional, chegou várias vezes a constituir um perigo iminente para a par do Mundo.

Mas esse perigo é já hoje menor, segundo parece, e Portugal, sejam quais forem as circunstâncias futuras, vencerá, como até aqui, tôdas as dificuldades, porque continua bem segura a ordem interna e é cada vez maior o nosso prestigio no Mundo.

Não duvidemos. A afirmação feita traduz uma realidade incontestável que nenhum bom português deseja ver modificada e todos os adversários do Estado Novo só a atacam na esperança de manter o *fogo sagrado*.

Descansemos, pois, embora sempre prontos e vigilantes, e trabalhemos com Salazar na obra de engrandecimento nacional por êle iniciada.

Deve ser essa, agora e sempre, a nossa preocupação dominante, porque é assim que melhor nos impomos aos outros povos e ganhamos força para fazermos respeitar os nossos direitos.

O esforço de rejuvenescimento, realizado no período mais grave da crise geral, reabilitou-nos, sem dúvida, de um passado de «apagada e vil tristeza» em que «lógicamente a actividade externa se devia reduzir à aliança inglesa e a aliança ao simples protectorado da nossa fraqueza medular».

Hoje, em virtude, precisamente, dessa obra grandiosa do Estado Novo, obra de carácter material e moral, e em virtude tambem da politica de verdade sempre seguida por Salazar, que nos apresenta deante dos outros países em pé de igualdade e com êles trata com desassombro, lealdade e nobreza, «nós, em época tam difficil e envolvidos em tam delicadas questões, podemos ufanar-nos de ter uma das melhores situações internacionais de que o País terá gosado e de merecer à Inglaterra a amizade de sempre».

E a Inglaterra, que conhece e aprecia as vantagens mútuas da velha aliança, reconhece e louva francamente a nova situação, embora Salazar, que se tem esforçado por valorizá-la ao máximo, em nome da verdade e do brio nacional, que «a aliança não é tôda a nossa politica externa e que não é à Inglaterra que compete defender antes de nós ou mesmo contra nós todos os nossos interesses».

E' esta, em resumo, a situação da nossa politica externa, que os outros países respeitam e admiram e a própria Inglaterra, como dissemos, gostosamente apreciará.

Os resultados da renovação operada em todos os sectores da vida nacional, tanto sob o aspecto material como moral, são tambem manifestos e contribuem poderosamente para a

Legações transformadas em filiais do Komintern

Portugal tem mantido uma linha inflexível, contra esse inimigo público n.º 1, a União Soviética, e contra os seus satélites. Evitamos, assim, muitas contrariedades e o desgosto de vermos raptos politicos, desordens fomentadas por embaixadores e adidos militares e ainda a transição brusca da recepção no Palácio de Belem para o cadafalso em Moscovo, sob a acusação de espionagem. Cortamos tambem, em boa ocasião, as relações com a sucursal moscovita na Península Ibérica, que tem a sua sede em Barcelona, pois as suas representações diplomáticas transformaram-se em filiais do Komintern.

É bom não esquecer, de facto, que os representantes dos vermelhos em Valência, nas diversas Repúblicas da América do Sul, dedicam-se principalmente à propaganda bolchevista.

segurança e prestigio desta nossa posição internacional.

Não duvidemos, pois. Seja qual for o rumo da politica internacional e por mais perigoso que se nos apresentem as ameaças de guerra, Portugal saberá vencer, sob a orientação de Salazar, tôdas essas dificuldades e complicações e será mais forte ainda o seu prestigio no mundo e mais desafogadas e justas as condições da vida interna.

Não duvidemos.

Moscovo protesta contra os bombardeamentos de cidades Chinesas

O embaixador da U. R. S. S. em Tóquio formulou, em nome do seu governo, um enérgico protesto contra o bombardeamento das cidades chinesas pela aviação nipónica. Sem quereremos defender a atitude japonesa, desejamos apenas focar a falta de autoridade moral dos bolchevistas, para protestarem contra esses bombardeamentos. O governo de Moscovo que, depois de fuzilar czaristas, liberais e burgueses, assassina presentemente e em massa os membros do partido comunista, especialmente aquêles que alguma coisa fizeram pelo actual regime — mostra não ter o mínimo respeito pela vida humana e que só vive alimentando-se de sangue humano.

Não são os pobres chineses mortos que fazem falar Moscovo, mas o receio de perder a influência na China, a favor do Japão.

Exames de admissão aos liceus

O sr. Ministro da Educação Nacional enviou uma circular aos reitores de todos os liceus do País, dando instruções acerca dos exames de admissão áqueles estabelecimentos de ensino secundário. Segundo a referida circular, os exames iniciar-se-ão no dia 25 deste mês, devendo os interessados apresentar os requerimentos nesse sentido, até o dia 8. Não serão admitidos os requerentes que não completem dez anos, até o dia 1 de Outubro próximo.

VINHOS VERDES

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, com sede no Porto, tornou publico o seguinte aviso:

«Necessitando-se conhecer, com a maior exactidão, a existência de Vinho verde destinado à venda, ainda nas adegas dos produtores, avisa-se:

(a) Que todos os produtores devem declarar, ATÉ 31 DE JULHO CORRENTE, as quantidades de vinho que ainda possuem em adega, manifestado para venda, devendo, para esse efeito, comparecer nas respectivas Delegações acompanhados dos seus manifestos.

(b) Que todos aquêles que não comparecerem a prestar declarações, serão considerados como não possuidores de vinho destinado à venda e portanto anulado qualquer saldo que tenham no manifesto de venda.

Dêste modo, dar-se à cumprimento à disposição do § 4.º, do artigo 3.º do Decreto-Lei N.º 16.684, de 22 de Março de 1929 que obriga todos os produtores de vinho verde a dar conhecimento da venda dos seus vinhos a esta Comissão de Viticultura».

Cooperativa Artística Teatral e Cinematográfica (Catec)

Realizou-se ontem na sede provisória da Cooperativa Artística Teatral e Cinematográfica, Rua de S. Paulo, 103 2.º, uma reunião de todos os professores que vão reger as aulas do primeiro colégio montado por esta sociedade, o qual começará a funcionar no próximo ano lectivo.

Este colégio destina-se ao ensino do curso dos liceus e com êle pretende esta Cooperativa proporcionar aos seus sócios a resolução do problema da instrução, a preços modicíssimos.

O número de inscrições eleva-se já a algumas dezenas.

CAMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

AVENÇAS E IMPOSTOS INDIRECTOS

AVISO

Chamo a atenção dos interessados para o art.º 11.º do Regulamento dos Impostos Indirectos, segundo o qual a terceira prestação trimestral das avencas superiores a 1.000\$00 e a segunda prestação semestral de tôdas as outras se vence durante o próximo mez de Julho.

Findo esse prazo, durante o período das operações preliminares do relaxe (15 dias), a cobrança será acrescida de juros de mora.

Barcelos, 30 de Junho de 1938.

O Presidente da Camara,
Miguel Gomes de Miranda

Relógio de pulso

Perdeu-se um, na terça-feira, á noite, desde a Leitaria da Praça ao Largo do Teatro.

Pede-se á pessoa que o achou o favor de o entregar na casa Coelho Gonçalves.

VENDA

Em Santa Maria do Abade, junto á estrada, vende-se uma casa e cirado que foi de Alberto Neiva.

Para tratar com o solicitador Corrêa.

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

Vende-se

Um prédio de mato e pinheiros no lugar da Fonte da Preirinha da freguesia de Gamil confrontando tambem com a de Remelhe. Quem pretender nesta redacção se informa.

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª publicação

1.ª praça

Para os devidos efeitos se anuncia que no dia 9 de Outubro, proximo, futuro, pelas 11 horas, á porta do tribunal judicial, desta comarca, vai ter logar a arrematação em hasta publica, do direito e acção que os executados Antonio do Vale e mulher Maria Alves de Oliveira, da freguesia de S. Verissimo do Tamel, têm a uma quinta parte dos bens Campo da Reborêda, de lavradio, no lugar do seu nome da freguesia de Arcoselo e Bouça de Mato e pinheiros, no lugar de Fontêlo, da freguesia de São Verissimo do Tamel, acima dita, e que lhe foi penhorado na execução por custas que lhes move o Ministerio Publico, direito e acção que entra em praça respectivamente pelas quantias de 440\$00 e 200\$00 em relação a cada um dos referidos predios.

Para se deduzirem os seus direitos são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos dos executados.

Barcelos, 4 de Julho de 1938.

O Chefe da 2.ª secção,
Delfino de Miranda Sampalo
Verifiquei

O Juiz de Direito,
Artur A. Ribeiro

PINHEIROS

Ninguém venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Pova de Varzim

CASA NETO

A casa que melhores vinhos tem e que mais barato fornece comidas

Rua Nova de S. José

Colégio Alcaides de Faria

BARCELOS

Curso Geral dos Liceus

Exame de Admissão

Alunos externos.

semi-internos

e internos

A-pesar da sua nova instalação no magnifico edificio onde funcionou o Colégio de Santa Ana, no Bemfeito, não modificou os preços anteriores que estão ao alcance de tôdas as familias.

Carreiras diárias de camionetes

Entre Ponte do Lima e Porto
NOVO HORARIO DESDE 1 DE MAIO
A 30 DE SETEMBRO

Localidades	Chegada	Paragem	Partida
Ponte do Lima			7,30
Correlhã	7,40		7,40
Balugães	8,10	5m	8,15
Barcelos	8,45	5m	8,50
Famalicão	9,30		9,30
Trofa	9,53		9,53
Porto	10,35		17,30
Trofa	18,12		18,12
Famalicão	18,35	5m	18,40
Barcelos	19,20		19,20
Balugães	19,50	5m	19,55
Correlhã	20,20		20,20
Ponte do Lima	20,30		

A partida de Freixo é às 8 e a chegada às 20,05

Escritório no Porto
Garagem «Comércio do Porto»

CAMIONETES PARA ALUGUER E EXCURSÕES

falar com

DOMINGOS DA CUNHA VILAS-BOAS
BALUGÃES

AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO
Largo José Novais
Telefone 8

Procurador Corrêa

Rua Inft. D. Henrique—BARCELOS

COLÉGIO DE SANTA ANA

LARGO JOSÉ NOVAIS—BARCELOS

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

missão ao liceu; curso do liceu; labores, arte aplicada, piano.

Está aberta a inscrição, todos os dias úteis das 10 ás 12 horas e ás quintas-feiras das 10 ás 12 horas e das 15 ás 18 e meia horas

Está limitada a inscrição para os meninos da instrução primária.

Curso infantil; instrução primária com especial preparação para o exame de admissão ao liceu; curso do liceu; labores, arte aplicada, piano.